

COMITÉ INTERNACIONAL
"VERITAS"

Rio Grande (do Sul)
Brazil.

DOCUMENTOS
PARA A
HISTORIA GERAL DA GUERRA DE 1914.

Aspectos Morais da Guerra Européa

POR

Henrique Lopes de Mendonça

Socio effectivo da
Academia das Sciencias de Lisboa



LIVRARIA AMERICANA

— Rio Grande —

COMITÉ INTERNACIONAL

"VERITAS,"

Rio Grande (do Sul)
Brazil.

DOCUMENTOS

PARA A

HISTORIA GERAL DA GUERRA DE 1914.

Aspectos Moraes da Guerra Européa

POE

Henrique Lopes de Mendonça

Socio effectivo da
Academia das Sciencias de Lisboa



LIVRARIA AMERICANA

— Rio Grande —

COMITÉ INTERNACIONAL
"VERITAS"

Presidente

Dr. A. DUPRAT.

Vice-Presidentes.

Dr. ALCIDES DE MENDONÇA LIMA
Dr. PIO ANGELO DA SILVA
Dr. ARNALDO CARLOS PINTO

Secretarios.

Snrs. AFFONSO FAVERET
AUGUSTO LUIZ DUPRAT
JOÃO LUIZ FARIA
MARCEL GUIDOUX
J. A. READ

Thezoureiro.

Snr. RAYMOND PICAUD

COMITE INTERNACIONAL "VERITAS"

Devidamente autorizados, publicamos adeante a notavel conferencia: - "Aspectos morais da guerra europeia", - pronunciada pelo eminente academico portuguez, o Sur. Henrique Lopes de Mendonça, a 13 de Maio ultimo, na Academia de Estudos Livres de Lisboa.

Em uma synthese magistral, o illustre conferente fére todos os pontos satellites do monstruoso cataclysmo, que o militarismo prussiano fez desabar sobre o mundo civilizado em Agosto de 1914. Poucos têm sido os escritores que alcançaram apresentar o palpitante assumpto sob luz tão meridiana e verdadeira. Certamente, é na "chama do sol latino" que devemos buscar a origem da elevação de vistas, da moralidade de conceitos, da nobreza de impulso, características dessa luminosa peça litteraria que resumbra, á vez, o mais puro patriotismo e os mais alevantados sentimentos de solidariedade humana.

Foi arrastada pela "fôrça ancestral que a avassalava, a energia atávica do barbarismo que irrompeu através dos nobres sedimentos, depostos por minguados séculos de civilização" que a Alemanha "materialmente prospera, utilitariamente engrandecida", reatou as pégadas dos Allarico, dos Attila, dos Genserico, ella que" pelas mãos de Lutero quebrou os grilhões da intolerância religiosa, que iluminou o pensamento humano com o farol brilhantíssimo de Kant, que no génio sublime de Goethe irradiou clarões renovadores sôbre a literatura universal, que com Beethoven

e Wagner trouxe novos encantamentos á arte divina".

Força ancestral e atavismo barbarico transformaram, no seio da Allemanha moderna, o sentimento do patriotismo em uma "autolatria" que tocando ás raias da vesania fez com que o povo allemão, em seu conjuncto, viesse a se capacitar de quê, na realidade, era elle um povo eleito, composto de super-homens, a quem cabia a hegemonia do mundo.

Nesse retrocesso "ó vergonha da civilização! as mais admiraveis conquistas da sciência moderna, cautelosamente aproveitadas em quarenta anos de preparação metódica, se puseram em jôgo para esmagar os fracos, para surpreender os desprevenidos, para recalcar com a mole bruta dos exércitos as mais generosas aspirações da alma humana, para estabelecer no mundo inteiro segundo a impenitente confissão dos seus guerreiros e dos seus filósofos, o dominio férreo da Alemanha."

Para implantar esse "dominio férreo", a Allemanha, capitaneada pela Prussia, abalou-se sobraçando um codigo que consagra "a fôrça como única fonte do direito, a violência contra os fracos como um dever dos fortes, a espionagem como base da educação civica, o saque e o extermínio como meios legitimos de grangear riqueza, a grilheta imposta aos homens para beneficio e debaixo do açoite dos super-homens, a vida humana como uma concessão benévola do Kaiser"

Quando, attonitos, perscrutamos a pasmosa solidariedade nacional de que a Allemanha tem dado prova, na consecussão do seu monstruoso crime contra a Humanidade, verificamos que "o professor e o soldado colaboraram eficazmente com o filósofo na obra de perversão moral".

Examinando, porem, de perto a decantada obra

que se dizia ter a Allemanha levado a cabo, vê-se que "os seus productos são colossais, mas monstruosos, pujantes, mas aberrantes. Uma filosofia depravada, uma arte brutesca."

Foi com profunda justeza que G. Ferrero escreveu: "Uma época e um povo que querem consummar coisas sempre mais colossais, estão condemnados a ultrapassarem a linha attingida, isto é, a marcharem no illimitado, até o dia em que lhes acontecerá cometterem uma loucura irreparavel. Eis por que, todas as civilizações que visaram ser colossais, depois de terem vivido em uma perpetua inquietação desmoronaram em subitas e extranhas catastrophes! Por isso tambem, nos podemos perguntar si não quer o destino fazer-nos assistir, ainda uma vez, a uma dessas tragedias!"

E, mais estupendo ainda . . . "o escalracho alastrou para fóra das fronteiras," tanto assim, que, presentemente ainda, vemol-o exuberante e viçoso continuar desafiando até mesmo a foice segadoira da honra nacional empenhada!

Aqui, enfrentamos com "a minoria infima na quantidade, mas poderosa no mundo inteiro pelas qualidades dissolventes de intrigas, de tenaz egoismo, de solidariedade malevola" minoria constituida pelos que "sacrificam aos proprios interesses a prosperidade da patria e o bem-estar da humanidade" o que cabalmente nos explica "ter a Alemanha aliados e haver no mundo neutrais".

Pouco antes dessa horrivel guerra, em Abril de 1914, o deputado Snr. de Folleville, relator de uma comissão parlamentar encarregada de fazer a luz sobre uma escandalosa questão, que ficou celebre, antecipada e quasi propheticamente, apontava a mazella social da quadra, mazella que não devia tardar em infligir á Humanidade tão

desmedidos soffrimentos e tão crueis desenganos!

O digno parlamentar exprimiu-se nos seguintes termos: - "Por lamentavel que seja, em si mesma, essa questão, é sobretudo grave como symptoma. Ella denuncia um mal, já manifesto por muitos outros signaes, que, si o paiz não reagir, virá desenvolvendo-se e penetrando em todo o systema politico social. Ella attesta nos proprios governantes um enfraquecimento do senso da regra, um menoscabo dos processos normaes e da independencia de magistrados, aliás doceis. Ella revella a exaggerada influencia da finança, ainda mesmo que baixa; a confusão da finança, da imprensa, do poder. Todos os partidos, em todos os paizes, até mesmo sem que disso tenha consciencia a maioria dos seus representantes, estão sujeitos a esses deploraveis accidentes. Todos, sobretudo os que estão no poder ou mais perto d'elle, se acham expostos a essas perniciosas influencias, e as proprias opposições, a medida que lhes augmenta o prestigio, não podem ter a certeza de lograr escapar."

Este estado de cousas, fomentado pelo materialismo economico que a Allemanha habilmente innoculou na vida nacional e internacional dos povos, durante os quarenta e tres ultimos annos, foi primeiro chamado "vida moderna", mais tarde "vida activa" e finalmente "vida intensa".

Este fructo do "escalracho" acaba de receber do snr. G. Clémenceau o appellido de "boloismo". Além de Proteu, é ubiquitario, sua organização é meticulosa, seus meios de acção, poderosos. Fez estacar os neutros; prolongou e eternisa neutralidades; deteve e desvirtuou o poder espiritual do Vaticano; conquistou a alliança da Turquia; chamou á grei a Bulgaria; com a cumplicidade de Constantino, subverteu a Grecia; havia assegurado a collaboração de Abbas Hilmi; teve Ca-

sement a seu serviço; conseguiu e mantém bases de submarinos em paizes neutraes; explora com grande proveito os mais subalternos interesses eleitoraes nos numerosos *Deutschtum* que installou pelo mundo; recruta legiões de testas de ferro para illudir as *black-lists*; conseguiu entabolar negociações de armistício e de paz em separado com a Russia; até mesmo, arvorou-se em *Kapell-meister* e com bizzarria dirige as orquestras de ventriloquos encarregadas de executar o hymno da Paz e fomentar assim, por toda a parte, uma corrente favoravel á cessação das hostilidades, em pról dos compromettidos interesses do amo que tão devotadamente serve.

A Paz! "mas é preciso que os nossos olhos não se enganem. Não venham as penas pintadas de alvaiade, a disfarçar a côr de sangue, não seja o ramo de carasqueiro, a simular oliveira."

O "boloista" tem apenas por mira "se resarcir copiosamente, exuberantemente, superlativamente de todos os sacrificios a que finge resignar-se, por amor da patria que desconhece, por dedicação á ideais que para êle não passam de rotulos vazios."

As batalhas do Marne e da Trouée des Charmes, na sua alma germanizada, iamos dizer de "retovado", representam o esforço material que recalcou as hordas selvaticas que se propunham depor a civilização occidental. Imponderaveis sublimes, como sejam a resistencia, sobretudo moral, do valoroso povo Belga, os dez kilometros em que se mantiveram os exercitos francezes da fronteira patria, quando ella já corria perigo, a seus olhos não passam de hypocritas expedientes para que podesse ser justificada a imprescindivel intervenção da Inglaterra, no descomunal pugilato.

Que influencia poderiam exercer sobre o re-

mate da tragica contenda, esses imponderaveis do mais requintado sentimentalismo, quando o invencivel exercito descia á arêna flanqueado pelo 420, pelos gazes asphyxiantes, pelos batalhões de incendiarios, e os emulos da Kultur tinham, além disso, a seu serviço, os submarinos e das alturas podiam bombardear cidades indefensas?!

Transfigurando, ou melhor, germanizando o darwinismo, como foi germanizada a Historia e outras disciplinas do espirito humano. E. Haeckel e, a seu exemplo, von Bernhardt, proclamaram que o estado permanente em que se nos depara a natureza, é o de "uma luta sem treguas de cada um contra todos" para que "os poucos individuos eleitos possam subsistir e gozar da vida", ficando assim scientifica e cabalmente justificado o suborno e a guerra.

Uma vez que a guerra é a lei fundamental da evolução, torna-se obvio que é da força que dimana o direito e este só assiste aos fortes. Tratando-se de luta, não é permittido a escolha dos meios; aqui far-se-a troar o canhão, e alli, espocar o champagne!

Foi, pois, com verdade, que A. Fouillée poud dizer: "ninguem mais se preoccupa de accordo nem de união entre todos, só se trata de exito para *cada* um, ou para o grupo de que se faz parte."

Como então, admirar-se de que, nessa hora já avançada do cyclopico conflicto, ainda cogitem os governos dos meios efficientes para fazer recolherem-se ao aprisco, os que nos mais reconditos meandros das leis e dos regulamentos conseguiram venturosa resalva para um proveitoso cumprimento do dever patriotico?

E' que esses membros *puramente contractuaes* das collectividades, dominados pelo boçal utilitarismo da vida e consequentemente *alheios á vi-*

da nacional não podem comprehender o que de sacrosanto vae no gesto nobilitante, expontaneo e desinteressado, que exclusivamente se propõe, sempre oppôr um dique "á universal pulverisação desse grande corpo que é a Patria."

Dr. A. DUPRAT.

Rio Grande, Dezembro de 1917.

Aspectos morais da guerra europeia

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Apetecer-me-ia, em vez da conferência que me foi amavelmente pedida, fazer um sermão que tivesse por tema as conhecidas palavras rituais: *In terra pax hominibus!* Paz aos homens na terra, diz o texto, e acrescenta: *bonæ voluntatis*, aos homens de boa vontade. Quer dizer, aos de sentimentos rectos, aos amantes da justiça, aos que não sacrificam aos próprios interesses a prosperidade da pátria e o bem-estar da humanidade. Estes últimos constituem uma minoria ínfima na quantidade, mas poderosa no mundo inteiro pelas faculdades dissolventes de intriga, de tenaz egoísmo, de solidariedade malévola. Dêles me ocuparei talvez mais tarde... Talvez? Vamos a ver se me chega o tempo e se o auditório estará disposto a ouvir-me.

Os outros, a grande maioria dos entes escalavrados, empobrecidos, dizimados, arrastados ao luto e á miséria pela guerra mais tremenda que a História tem contemplado, êsses é que me interessam, êsses é que nos interessam a todos. É a sua voz que fala na bôca dos grandes estadistas dos países beligerantes, proclamando as ânsias de paz, mas paz honrosa, paz duradoura, paz que liberte as gerações futuras das angústias e das torturas que o Destino reservou à nossa.

la já no pendor do sermão. Arrapiemos caminho. Para discursos sacros falta-me, ai de mim! o essencial, que é o que também falece talvez a grande parte do auditório para os escutar: a fé! Há muito que, à mingua dela, se encontra desolado e tenebroso o coração de muitos. Lamentosos, como me lamento a mim próprio. Viver de sonho é ainda a forma mais doce, porventura a única verdadeiramente feliz, de viver na terra. E o sonho do sobrenatural é a suprema esperança, e sem esperança afoga-se em trevas a alma dos homens. Foi por isso que o Dante colocou à entrada do Inferno a legenda fatídica:

Lasciate ogni speranza, ó voi che entrate.

E afinal, com a eternidade do desespero, não eram precisos outros tormentos para que o inferno fôsse inferno.

Deixemo-nos, porém, de lástimas estéreis. É possível que a missão filosófica do cristianismo esteja a acabar-se no mundo. Sinceramente, não o desejo. Mas a sua missão social persiste ainda através de revoluções e de cataclismos. Ele é a fonte de toda a moral, nas nações civilizadas da Europa e da América. E por isso todos nós, devotos, scépticos ou ateus, nos achamos ensopados da sua doutrina, e não podemos conceber, fora da selvajaria, sociedade que não lhe acate os preceitos. Os ideais de justiça, que formam a base de toda a legislação democrática, escorrem do sangue que injustamente foi vertido no Calvário. Os ideais de amor, que nos aquecem as almas, manam da bôca divinizada que disse: Amai-vos uns aos outros. Os ideais de igualdade e fraternidade, nunca atingidos, foram proclamados

pela mesma bôca sublime. E singular é que os revolucionários, mais encarniçados em despojar Cristo dos atributos divinos, inscrevam no seu lema de regeneração social, em nome da humanidade, as mesmas palavras que afinal sintetizam a doutrina prêgada em nome de Deus.

Portanto, meus senhores, a minha conclusão é esta: seja qual fôr o nosso sentimento com respeito à religião, crentes ou scépticos, místicos ou ateus, no fundo das almas todos somos cristãos. Cristãos sob o ponto de vista moral, cristãos nas nossas relações mútuas, por mínimas que sejam as nossas relações com a divindade. Vinte séculos de cristianismo acumularam na nossa consciência os sedimentos éticos que nenhuma tempestade varrerá jámais, sob pena de revertermos ao primitivo estado selvagem. As noções de honra, de dever, de respeito, pelos direitos alheios, de caridade para com os miseráveis, de piedade para com os oprimidos, o horror à violência injusta, o ódio da tirania, a abominação da perfidia e do crime, estão inoculados em nossos corações, como cláusulas essenciais, irrefragáveis, imprescindíveis, do nosso viver social. Sem elas, afigura-se-nos que volveríamos aos antros dos trogloditas para conquistar à unhada, à facada, a tiro, o pão que nos matasse a fome.

Sem dúvida, a sementeira evangélica não debelou a maldade na terra. Mas amenizou na fera humana os instintos de rapina, que são origem mais ou menos ostensiva de todas as conflagrações sociais. A própria guerra, fatalidade orgânica das sociedades, tornou-se menos atroz desde que a palavra de Jesus ungiu as almas dos guerreiros. Nesse longo período de dez séculos,

convulso e confuso, que se chamou a Idade Média, quando o barbarismo nórdico veio deter, inundando as terras de sol, a marcha da civilização greco-romana, uma luz de esperança bruxuleava nos ergástulos dos cativos, um vislumbre de piedade reverberava na espada dos invasores; e sobretudo, a lialdade, o ponto de honra, o apêgo à palavra dada, o respeito pela vida dos inocentes e dos desarmados, a defesa dos iniquamente perseguidos, todas as noções de justiça e dignidade, que o direito romano balbuciarra e que os apóstolos de Cristo haviam conclamado, iam-se recopilando num código, tácitamente aceito por todos os povos civilizados, ainda mesmo aqueles, como os maometanos, que se achavam fora do grémio da Igreja. Era o código de cavalaria, que durante séculos foi salvaguarda de milhões de oprimidos, refúgio dos fracos, broquel contra as prepotências dos fortes, alívio contra as violências da ferocidade armada em guerra.

Não quero dizer com isto, seria até demência afirmar, que a fôrça bruta não levasse de vencida, vezes sem conta, os ditames da razão e do direito, que ela não fôsse o supremo argumento das ambições insofridas. Mas é certo que ela própria prestava homenagem à justiça, cobrindo de pretextos morais, mais ou menos especiosos, as suas nefastas tropelias. Foi em nome da fé catòlica que os conquistadores de Espanha chacinaram os indios da América e os seus reis ensanguentaram a Flandres. Foi sob color de debelar o despotismo na Europa que Napoleão I quis à fôrça das armas fincar na Europa o seu despotismo. E as ambições, que se degladiaram nas várias guerras de sucessão, invocavam sempre

a defesa do direito divino, universalmente acatado como fonte do poder monárquico.

Quero dizer: a avidez ou a maldade revestiam-se sempre de um ideal consagrado, e nunca, pelo menos nas eras modernas, até hoje ousaram afrontar a consciência humana com a cínica ostentação dos seus propósitos.

Até hoje, disse. Até ontem, diria melhor. Foi ontem, com efeito, isto é, há cerca de três anos, em pleno meio dia de civilização, que uma nação da Europa esbofeteou o mundo culto, proclamando pela redondeza do globo a supremacia da força sôbre o direito como dogma da sua cultura moral. Foi ontem que, pela bôca do chefe do seu govêrno, essa nação cuspiu na honra, na lialdade, na fé jurada, estas palavras de ignomínia: Os tratados são farrapos de papel! Foi ontem, ó vergonha da civilização! que as mais admiráveis conquistas da sciência moderna, cautelosamente aproveitadas em quarenta anos de preparação metódica, se puseram em jôgo para esmagar os fracos, para surpreender os desprevenidos, para recalcar com a mole bruta dos exércitos as mais generosas aspirações da alma humana, para estabelecer no mundo inteiro, segundo a impenitente confissão dos seus guerreiros e dos seus filósofos, o domínio férreo da Alemanha.

A história repete-se. Vai para quinze séculos, Átila, o rei dos hunos, devastava a Europa inteira e proclamava que a erva não tornaria a crescer por onde passassem as patas do seu cavallo. Assim também o orgulho germânico se jactava de que, nas terras acabrunhadas ao pêso dos seus canhões, não renasceria jâmais a liberdade dos povos. A noite espêssa avançava com

Átila sôbre o mundo antigo... Coincidência fatídica! Foi nas margens do Marne, nos campos cataláunicos, que, desbaratadas as hostes dos hunos, se rasgaram as trevas temerosas; foi na batalha do Marne que luziu aos nossos olhos a primeira esperança da vitória. Confiemos, senhores. Os modernos hunos hão-de baquear também.

*
* *

Hão-de baquear, se nós quisermos. Urge que fortaleçamos a nossa vontade, não sómente contra as vicissitudes transitórias da guerra, mas, atentem bem nisto! contra as influências persistentes na paz. Sim! há quasi meio século que essas influências, lentamente infiltradas, ameaçam perverter o nosso pensamento e depravar a nossa consciência, como conseguiram fazê-lo dentro das fronteiras germânicas. Porque a presente guerra é a explosão de forças deletérias que, minando a Alemanha, a revertiam aos primitivos estádios de civilização moral; tentando estabelecer a hegemonia teutônica no globo, abalavam os alicerces em que assentam as sociedades humanas, tornavam a vida social um conflito feroz de egoismos, em revolta perene contra o egoísmo preponderante.

A Alemanha de que falo, note-se bem, não é a Alemanha que se impôs à admiração dos pensadores, dos filósofos, dos artistas. Não é a Alemanha que pelas mãos de Lutero quebrou os grilhões da intolerância religiosa, que iluminou o pensamento humano com o farol brilhantíssimo de Kant, que no génio sublime de Goethe irradiou clarões renovadores sôbre a literatura universal, que com Beethoven e Wagner trouxe no-

vos encantamentos à arte divina. Não! Essa Alemanha, prestigiosa e grande, subverteu-se desde que o mais improgressivo dos seus povos, aquele que hoje representa as energias truculentas do barbarismo, rodou sôbre ela as viaturas dos seus colossos de aço. O povo alemão é hoje vitima, embora obcecada e inconsciente, do militarismo prussiano. Auxiliados por uma tenaz inteligência maléfica, os gérmenes de peçonha, desde o século XVIII propinados pela rude mão de Frederico o Grande, foram-se coando no organismo da Alemanha, e intensamente lavraram, sobretudo desde que a guerra de 1871 colocou na cabeça do rei da Prússia a corôa imperial. De então por diante, a peste transpôs as fronteiras, e todo o mundo começou a contaminar-se. Hoje, e só hoje, é que alvorece a consciência dessa infernal perversão dos espíritos, aceita até agora pelo snobismo universal como se fôra uma transformação salutar.

Sim! Um grande número de contemporâneos, e dos mais abalizados, leram com ânsia, assimilaram com delícia, a doutrina, expressa por Nietzsche, de que às organizações privilegiadas por um excesso de energia, os que êle alcunhava de super-homens, devia submeter-se a humanidade inteira. Sô nêles residia o direito, porque só nêles residia a fôrça. E esta doutrina abominável, baseada numa sofismação de princípios científicos, negação de toda a moral e de toda a justiça, consagração da violência e da rapina, era acolhida sem protesto, até com simpatia, por espíritos que no cristianismo teem as raízes do seu sentimento e no respeito da dignidade humana a mola reguladora dos seus actos sociais.

Mas se o escalracho alastrou para fóra das

fronteiras germânicas, que admira que exuberasse lá dentro, onde carinhosamente lhe preparavam ambiente propício? O estado aproveitou com rara astúcia, se é que não favoreceu, os desvarios do génio para por êles moldar a mentalidade alemã. A monstruosa doutrina de Nietzsche deu-se praticamente uma interpretação colectiva. O super-homem alargou-se para a super-nacionalidade. O professor e o soldado colaboraram eficazmente com o filósofo na obra de perversão moral. Insinuou-se na consciência germânica a convicção mística de que o povo alemão era o povo eleito por Deus para pastorear o rebanho humano. Insultou-se na alma germânica o orgulho da supremacia moral e intelectual, que lhe conferia o domínio sobre todas as raças do universo. Foi uma crise temerosa de megalomania colectiva, que a iminência de uma derrota ainda não curou, que vitórias parciais alimentam ainda. Abundam as provas, que a escassez do tempo e o carácter desta palestra me inibem de apresentar. Baste-me mencionar, como síntese recente desta louca arrogância, as palavras que no verão passado apareciam subscritas pelo Professor von Stengel, da Universidade de Munich: — «Toda a guerra até hoje», escrevia a sua pena de ferro, «tem mostrado que a Alemanha foi eleita pela Providência para guiar todos os outros povos. Marcharemos à testa dêles, e conduzi-los-hemos a uma paz permanente. Para essa missão temos nós a força, e também todos os dons do espírito, e somos nós a corôa de toda a civilização... O mundo inteiro, e especialmente as nações neutras, tem apenas um meio de proveitosa existência. E' submeter-se à nossa direcção, que é superior a todas as outras sob qualquer

ponto de vista. Não existe povo que nos exceda nos mais amplos ou altos ideais e sentimentos, e sob o nosso domínio nenhum dêles precisará debater-se em defesa dos seus direitos.»

Note-se bem: estas palavras foram escritas a frio, dentro de uma universidade alemã, por uma criatura cujo cérebro se atulhara de sciência, e num momento em que, após dois anos de guerra, a pressão dos aliados começava a fazer-se sentir bem cruelmente dentro da Alemanha. São bem patentes neste documento as ambições de domínio universal, as ameaças que nem sequer poupavam as nações neutrais, a perspetiva de um futuro tenebroso para a humanidade, calcada pelas botifarras ferradas do teutão.

E não há-de a consciência universal, a consciência do mundo eulto, quer a ilumine Cristo ou Maomet ou Buda ou a Deusa da Razão, revoltar-se contra esta formidável hipertrofia do egoismo nacional? Com sinceridade o confesso: o que mais espanta no meio da conflagração tremenda, o que manifesta, correspondendo à epidemia de loucura na Alemanha, a cegueira fatal do mundo, é ter a Alemanha aliados e haver no mundo neutrais. Quando com tal desplante um povo inteiro aberra do rudimentar senso moral, alardeando a força bruta como a única sanção do seu desmedido orgulho, estamos em presença de uma aleateia de lóbos enraivados, que urge aeossar com todas as forças policiadas, se não quisermos todos, todos, a humanidade em pêso, ser despeçados pelos colmilhos mortíferos!

* * *

Acossá-los, sim! Destruí-los, não! Nem isso é .
prático, nem humanitário, nem sequer benéfico.

A Alemanha reconstituída, desafogada do militarismo prussiano, entregue à sua obra fecunda de paz e de ciência, livre do pesadelo horrível que só lhe concitou ódios, desanuviada dos fumos alucinantes da vanglória, olhos fitos no ideal supremo da liberdade, mãos robustas empunhando os instrumentos de trabalho honesto, cérebro potente a desentranhar-se em inventos, é uma alavanca poderosa, inestimável, para o progresso humano. Durante largos anos de prosperidade aparente, enquanto o virus latente lhe minava o organismo, ela mostrou ao mundo a grandeza do seu engenho, a pertinácia do seu labor, a excelência da sua indústria. Ela contribuiu largamente para o conforto material dos homens, para tornar a vida mais suave e festiva, para dar aos pobres um pouco do luxo que era apanágio dos ricos. Talvez para isso o desgraçado povo sacrificasse inconscientemente os seus velhos ideais de dignidade e queimasse nas aras do despotismo férreo os derradeiros resquícios da sua altivez democrática. Mas o preço que nos exigiu era desproporcionado aos seus serviços, por grandes que fôssem. Era a escravidão ignóbil, era a transformação dos homens livres num bando de grilhetas, empregados na faina permanente de abarrotar os seus cofres. De tal aspiração, os primeiros rebates da fome deviam ter começado a fazer-lhe sentir a insensatez.

Que pena que só tão cruel expediente restasse para lhe abrir os olhos, a êsse desatinado povo, progenitor de heróis e de génios! Mas, se tanto se conseguir, êle poderá dizer mais tarde, quando voltar à plenitude da razão, que o derrotado não foi êle, mas dentro dêle a fôrça ancestral que o avassalava, a energia atávica do barbarismo

que irrompeu através dos nobres sedimentos, depositos por minguados séculos de civilização. E extinta esta irrupção formidável, libertado finalmente pelas mãos que o guerreiam, depurar-se-há de fermentos malignos a cultura de que êle se vangloria, a qual só é verdadeiramente fecunda quando lhe bate em cheio a chamma do sol latino.

Há meio século que, tapado pelo manto do orgulho, o génio germânico se quer subtrair a essa luz vivificante. O resultado é o que se está vendo. Entregue exclusivamente a si, êle vai resvalando por transições insensíveis no pendor da barbárie. Alimentados pela inegável energia intrinseca os seus produtos são colossais, mas monstruosos, pujantes, mas aberrantes. Uma filosofia depravada, uma arte brutescas. Só na sciência aplicada, servido por um espirito admiravelmente metódico, só na parte utilitária da civilização, mercê de uma tenacidade assombrosa, o génio alemão tem, durante êsse período, alcançado direitos indiscutíveis à gratidão dos homens.

Mas é certo que a mesma grandeza selvática das suas concepções os tem ofuscado. Já me referi de passagem à influência nefasta da filosofia germânica. Essa influência não se tem limitado ao âmbito restrito dos pensadores, os únicos que profissionalmente possuem cérebros acomodados à laboriosa digestão de iguarias metafisicas. Por lamentável que fôsse, ainda não seria de todo mau que, sequestrados num lazareto, êles houvessem evitado à sociedade o contágio funesto. Mas em redor dos pensadores há a multidão irrequieta, petulante, tagarela, insinuante, dos snobs; e são êles os transmissores e os propagadores do vírus. Filtrados através dessa

camada, os princípios filosóficos alteram-se ou refinam-se, cristalizam em aforismos dogmáticos, transtormam-se em emanções subteis que se espalham por todo o corpo social. Muitas vezes, até os mais benéficos atingem, pela concentração excessiva, um poder nocivo. O que fará quando, como no caso presente, êles são dissolventes por natureza!

O terrível principio da supremacia da fôrça sôbre o direito. erecto em corpo de doutrina moral, inspirador da filosofia nietzschiana, veio assim acordar na alma dos homens os instintos ferinos solapados. O recurso à violência, a intolerância dos dominantes, a rebeldia dos dominados, a exacerbação das paixões egoistas, a intransigência dos interesses em conflito, vieram a ser as consequências fatais e remotas, às quais inconscientemente nos havemos submetido. Inquinados estão ainda muitos dos espiritos que actualmente mais adversos se mostram ao germanismo. Por toda a parte, as tendências idealistas são abocanhadas, os principios humanitários ridicularizados, o desinteresse escarnecido, a luta pela vida aclamada. Os velhos ideais românticos são enfeixados sob a etiqueta desprezativa de sentimentalismo. E êste desdêm, que na alma individual põe à sôlta as ruins paixões, reflecte-se naturalmente na vida internacional. Entre particulares e entre nações, entende-se que o interesse material deve ser móvel exclusivo de todos os actos. As fórmulas do direito passaram a ser uma revestidura irrisória das reclamações dos fracos, a qual os fortes rasgam ou amoldam a seu belprazer. E a maioria dos ânímos, imbuidos dêste ensinamento sinistro, não percebem, na sua impulsiva indignação, que a síntese dêle se en-

contra na velha máxima jesuítica, perfillhada pelo chanceler da Alemanha: «O fim justifica os meios.»

Singular cousa! Foi a alma germânica, dada a amplificações, como todas as raças vizinhas da infância, que em tempos exagerou o idealismo romântico, logo nos seus inícios. Sabido é como Werther, criação juvenil do gênio de Goethe, não encontra outro expediente para despejar do crânio uma paixão pecaminosa senão abri-lo com um tiro de pistola. A voga alcançada por êste romance foi tão extraordinária na Alemanha que a todos os cantos surgiram imitadores do herói. Uma epidemia de suicídios passionais lavrou intensamente. Foi o próprio Goethe quem se apressou a atalhá-la, publicando outro livro *Mania do sentimentalismo*, em que causticava o mal que provocara.

Pois agora, à distância de século e meio, a torrente materialista da Alemanha, redundando na autolatria, não subverte apenas o sentimentalismo exagerado e piegas dos ultra-românticos. Desfolha, emmurchece, destrói a flor do sentimento, a única que dá perfume à alma humana, a única que verdadeiramente a subtrai ao influxo corrosivo das paixões egoístas, a única que pode afastá-la da selvajaria e do crime. E não há esperança que, desta vez, os causadores do cataclismo lhe busquem penitentes o remédio.

Vejam bem, senhores, que futuro de trevas se antolhava para a humanidade, se acaso não se opusessem diques a essa torrente devastadora, se, mesmo depois de contida, ainda ficassem no mundo os gérmenes arrastados pela aluvião.

Mas, segundo o velho prolóquio do poeta romano, *quos Deus vult perdere, prius dementat*:

Deus tira primeiro o juízo àqueles a quem quer perder. Foi assim que a Alemanha, materialmente próspera, utilitariamente engrandecida, se deixou alucinar até ao ponto de tentar um golpe decisivo e gigantesco para satisfação da sua monstruosa megalomania. Foi prematuro êsse golpe. O mundo ainda não estava corrompido pela sua acção deletéria. Era ainda uma minoria de insensatos que, pela ânsia mórbida do novo e do extravagante, pela deplorável obcecação das paixões políticas, acaso por mesquinhos interesses, acolhiam com boa sombra o advento do funesto porvir. O resto, os bem intencionados, aqueles a quem o vírus não contaminara de todo, abriram os olhos perante a ameaça, que se denunciava no esmagamento de populações inocentes, na destruição vandálica de monumentos venerandos, no terror arvorado em sistema de guerra, na rapina sem escrúpulos, na matança sem piedade, na ferocidade sem limites. Armaram-se, para combater os bárbaros, as nações tomadas de surpresa, Viram-se emergir dos mares, clamando justiça, as mãos agónicas dos assassinados do *Lusitânia*. Encheu os ares a grita dos famintos, dos deportados, dos fuzilados, da Bélgica, da França, da Sérvia. Caiu em todos os corações honestos uma gota do sangue heróico de Miss Cavell, como se fôsse uma punção de fogo que os estimulasse para o desagravo.

Mas eu escuso de recapitular a formidável tragédia que há quasi três anos ensanguenta o mundo. Como não tenho pretensões a politico, é pelo seu aspecto moral que eu justifico a legitimidade, direi mais, o dever da resistência a todo o transe contra as arrogantes ambições da Alemanha, contra a fatal corrupção que dimana da

sua hegemonia, contra as infâmias com que ela tem conspurcado a história.

A consciência moral revoltou-se por fim, por uma forma retumbante. Não há mais eloquente condenação da politica mundial, representada pelos impérios centrais, do que a célebre mensagem do Presidente Wilson ao senado americano. E cego é quem não vir nesse documento a síntese dos clamores de justiça em favor da liberdade dos povos, que um pontapé prussiano quer atirar ao abismo.

*
* *

Eu não ignoro, senhores, que o documento, a que venho de aludir, tem excitado controvérsias entre os próprios aliados. Mas eu, respeitando embora todas as opiniões sinceras, colhendo delas os elementos para formar a minha, tenho o sestro de pensar, bem ou mal, pelo meu cérebro, e não pelo cérebro alheio. Adoptei por lema o verso de Musset:

Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre.

Por isso, vou mostrar-lhes, em breves palavras, o licor que tenho hoje no meu copo, licor que poderá ser diferente amanhã, se contraditas autorizadas mo turvarem ou melhorarem. Porque, das poucas qualidades em que julgo fazer excepção ao carácter nacional é não ser teimoso nem intransigente, prendas estas que se me afiguram demasiado germânicas para que não tenhamos expurgar delas a nossa psicologia.

Não há hoje no globo inteiro ninguém de boa fé, que não esteja postado à janela, a espreitar

com ansiedade a chegada da pomba branca, com o ramo simbólico no bico. Mas é preciso que os nossos olhos não se enganem. Não venham as penas pintadas de alvaiade, a disfarçar a côr de sangue, não seja o ramo de carrasqueiro, a simular oliveira. Ora precisamente, é esta burla de temer, se acaso a pombinha provier dos pombais do Kaiser. Nestes se chocam todas as perfidias e mentiras que, de há meio século a esta parte, tem revoado pelos horizontes políticos da Europa. Sabe-se hoje como a falsificação do célebre telegrama de Ems deu origem à guerra franco-prussiana de 1870. Vimos agora como a Alemanha rasgou o tratado que lhe impunha o respeito pela neutralidade da Bélgica, as convenções da Haya que restringiam ou atenuavam as calamidades da guerra, e induziu a Grécia a atraiçoar a Sérvia, sua aliada. Esperar, pois, que ela honre a sua assinatura num tratado de paz, enquanto não se lhe quebrarem nas mãos os instrumentos que podem levá-la à satisfação das suas desassombradas ambições, é loucura semelhante à de um homem ingénuo que confiasse a sua fortuna e a sua vida à palavra de um bandido armado. Compreende-se pois que, por maior que seja o seu desejo de paz, as nações aliadas se recusassem a tratá-la com um inimigo fementido que lha oferecia, ao mesmo tempo que se orgulhava de vitorioso, sobretudo no momento em que os recursos delas, tardiamente coligidos lhes davam esperança de o manietar em breve. Um pacto concluído em tais condições não passaria de uma simples trégua, permitindo ao inimigo refazer-se e preparar-se para nova e mais terrível investida. Corresponderia à ânsia egoísta de protelarmos o pagamento de uma dívida

para a deixarmos, sobrecarregada de juro acumulado, acabrunhando os nossos herdeiros.

Foi por isso que à humanitária intervenção de Wilson os aliados responderam com a franca exposição das suas aspirações. Idêntica franqueza não podiam ter os impérios centrais. A franqueza arrogante e cinica só a usam eles nos momentos em que se julgam seguros da vitória. Nos transe de incerteza procuram esconder as garras. Ai de quem se fiar na pata de veludo!

O Presidente da grande Republica de Alê do Atlântico não esmoreceu contudo. Sereno e pertinaz, esperou, para chegar a uma acção decisiva, que na consciêcia honrada dos americanos penetrassem fundo os ideais de justiça contidos na sua nobre mensagem. Os politicos práticos desdenhá-la-ão porventura como um documento de platónico idealismo. Eu porê, na minha qualidade de idealista refractário, saúdo-a como o mais admirável manifesto de direito internacional, até hoje proclamado por um chefe de Estado. Saúdo-a por ser, conforme as suas próprias palavras, a voz da «massa silenciosa da humanidade, que ainda não tivera lugar ou ensejo de manifestar o que lhe vai no coração com respeito à morte e à ruina que atingem as pessoas e os lares que lhe são mais queridos.» Saúdo-a por traduzir as mais generosas aspirações que com respeito à liberdade dos povos podem caber na mente de um estadista. Saúdo-a como a condenação solenissima do despotismo que, sob a máscara do equilibrio politico, espezinha nacionalidades inteiras.

Seria fastidioso analisar longamente êsse belo documento, que há-de ficar na história como um dos mais luzentes brasões de glória para a gran-

de nação que o concebeu. Limito-me a apontar os seus tópicos essenciais: a paz sem vitória, que não seja fermento de ódios persistentes; o direito dos povos a agruparem-se sob governos que correspondam plenamente aos seus ideais; a igualdade das nações perante a lei comum, sem distinções capciosas de grandes e pequenas potências; a organização de uma força internacional tão poderosa que se impusesse a qualquer coligação perturbadora da paz universal; a liberdade dos mares; o seu acesso garantido à expansão legítima de todos os povos a limitação dos armamentos; a livre acção de todos os povos na orientação da sua política, desafogados de ameaças e prepotências.

Quem, de boa fé, negará o seu aplauso entusiástico a êste programa de confraternização mundial? Poderá nêle existir muito de irrealizável, pelo menos em eras próximas. Mas, mesmo neste mundo de ambições e misérias, os gérmens que caírem não serão estéreis. Seria preciso decerto, para que êles desde já abrolhassem, que as chamadas grandes potências, de ambas as facções beligerantes, se resignassem a imediatos sacrifícios e a mútuas transigências. Todavia, um rápido volver de olhos pelo mapa da Europa nos indica que as reivindicações seriam principalmente sensíveis para os nossos inimigos. A Alsácia-Lorena, que em quarenta e tantos anos o militarismo alemão não logrou germanizar, voltaria ao seio carinhoso da França. Formar-se-ia uma Polónia livre dos troços palpitantes que reteem a Rússia, a Prússia e a Austria. Os tcheques reclamariam a restauração do velho reino da Boémia. As populações eslavas, italianas, croatas, esclavónicas, amalgamadas no em-

bréchado que responde ao pomposo nome de Império Apostólico, acolher-se-iam aos respectivos apriscos. E assim se escangalharia essa pintalgada boceta de Pândora, da qual todos os séculos surdem, para desatinar a humanidade, os gases mefíticos da guerra.

Já vêem pois, meus senhores, que a mensagem do presidente Wilson, quando transformada em instrumento diplomático, seria mal-avinda, sobretudo, para essa anacrônica fúria de despotismo que estrebuxa terrivelmente na Europa Central. Nós, porém, que prezamos acima de tudo a justiça e a liberdade, não podemos deixar de a acolher como base de um futuro e almejado código, universalmente aceito pelos povos civilizados, pelo qual se regulem as relações internacionais. Saúdemo-lo como o despontar de uma aurora fagueira, através dos nimbos pesados que sôbre nós despejam a sua fúria. Bemvindas as nossas angústias, bem parados os nossos sacrifícios, se nossos filhos e nossos netos se aquecerem ao sol esplendido que o ténue dilúculo já promete!

*
* *

Mas para que sem relutâncias aceitemos esses sacrifícios, urge que eles sejam equitativamente distribuídos. E isso me conduz ao tópico que parece ter esquecido a Wilson. Assim saldarei a promessa feita no começo da minha palestra. Como, porém, o assunto é melindroso e eu sou talvez o primeiro a atacá-lo, recorro a uma parábola mitológica que será entendida por quem possa ou queira entendê-la.

O Olimpo dos gregos e dos romanos é reposi-

tório inesgotável de símbolos. Dai vou sacar os que me servem.

Primeiramente, apresento-lhes Marte, o deus da guerra, divindade estúpida, cuja fôrça seria impotente se acaso lhe não acudisse Minerva, a deusa da sabedoria. Foi ela quem lhe adestrou os músculos e lhe aperfeiçoou as armas. Aqui o temos destemido e aprestado para a luta, mas tão boçal que se deixa apanhar numa rede pelo ciumento Vulcano, no momento de lhe roubar as caricias conjugais da loura e formosa Vénus. Tão bruto que não se lhe depara a causa em favor da qual há-de empregar a sua fôrça indomável. E' então que lhe surge o astuto Mercúrio... conhecem? aquele cavalheiro de asas nos calcanhares e no capacete, que empunha um bordão também alado, onde se enroscam duas serpentes e que dá pelo nome de caduceu. Se não o tem visto, devem tê-lo sentido esvoaçar nos lugares dos mercados, nos balcões das lojas, nos *guichets* dos bancos, nos escritórios do comércio... Pois é êsse mesmo!

O amavel Mercúrio, insinuante e solícito, segredou cousas na orelha asinina de Marte. E tais foram elas que o brutamontes se pôs imediatamente ao seu serviço. E de então para cá Marte anda pelo mundo, ajudado por Minerva que inspira todos os inventores de cousas dazinhas, desde o monge Schwartz que descobriu a pólvora até ao industrial Krupp que fabrica o canhão de 42, e atrelado a Mercúrio que lhe mexe os cordelinhos. Assim, por detrás desse pavoroso autómato, valendo-se dos terrores que ele inspira, agitando-lhe a seu talante os braços, movendo-lhe as pernas, franzindo-lhe o sobreceinho, brandindo-lhe a espada, coando-lhe farron-

cas pela bocarra e lume pelos olhos, Mercúrio vai regendo o mundo. E' ele quem dirige a pena dos diplomatas e se instala na cabeça dos estadistas. Os governos, autocraticos, parlamentares ou democraticos, batem cabeça diante do omnipotente caduceu. Com a alavanca dos monopolios e sindicatos, o matreiro deus tem conseguido esticar a celebre lei economica da oferta e da procura, ao ponto de esganar com ela nove décimas partes do genero humano. Os seus sacerdotes maximos, jogando com ciumes nacionalistas, entendem-se de um extremo ao outro do globo, de Hamburgo para Nova York, de Londres para Toquio, de Paris para Melbourne, de Vienna de Austria para Pequim, atentos a manterem a paz ou a desencadearam a guerra, consoante os interesses do culto. Se rebenta a conflagração, o sangue serve para dar maior brilho ás douraduras do caduceu, as labaredas para fundirem o metal que o há-de melhorar.

Quero crer que Mercúrio, apesar de toda a sua astúcia, algumas vezes se engane e não meça bem as conseqüências do lance, por ele arriscado no grande taboleiro de xadrez com os trebelhos que são os potentados do mundo. Mas ele nunca perde. Tem sempre maneira de transformar as desgraças alheias em prosperidade sua. Cada estômago faminto representa mais umas pepitas de ouro que ele recolheu com avidez. Cada luto, mais uns metros de crepe que ele fornece a bom preço. Cada tiro de canhão, mais umas arrôbas de aço que ele traduziu em libras sonantes. E por esta forma tem a manha de se resarcir copiosamente, exuberantemente, superlativamente, de todos os sacrificios a que

finje resignar-se, por amor de pátrias que desconhece, por dedicação a ideias que para ele não passam de rótulos vazios.

Ah! bom Mercúrio! honesto Mercúrio! scintillante Mercúrio! Visto ser fôrça que governe o mundo, quando alcançarás ao menos nma consciencia que te sirva de bússola?

*
* *

Faltou a Wilson referir-se a este, porventura o mais poderoso gerador das guerras. Não admira! Não seria chefe de Estado, se não tivesse de antemão prestado menagem ao divino caduceu. Mas enfim, o que parece averiguar-se, pela attitude resoluta que Wilson acaba de assumir, é que os desejos de Mercúrio se conjugam desta feita com os dos homens de boa vontade. A paz é a aspiração universal. Mas, entre o bem e o mal, não pode existir paz enquanto o mal não se submeta, enquanto não se destruam os fermentos nocivos. E, quaeisquer que sejam os sofismas engendrados pela Alemanha e acolhidos no mundo por malévolos e cegos, é indubitável que os inimigos dela são os aliados do bem.

E' por isso, senhores, que eu me dispenso de apelar para os interesses materiais ou para argumentos de politica, quando justifico a intervenção armada do mundo civilizado contra o poderoso império que intenta retrotrai-lo à barbárie. E' em nome de todos os principios morais esbofeteados e espezinhados, da cultura evangélica que tem amansado a fera humana, da justiça prègada na cruz e reivindicada nas fogúeiras do Santo Officio e nos cadafalsos da Revolução, da consciencia afrontada pelas infamias do mi-

litarismo despótico, do direito conspurcado pelos escarros da bôca teutonica, que eu qualifico de sagrada esta guerra. E para sancionar o movimento solidário de todos os povos contra as ambições da Alemanha, não me ocorre invocar mais adequado texto do que aquele que me fornece um grande alemão. São palavras de Schiller as que vou citar: «Que nenhum pais livre seja estranho à liberdade de outro pais.»

Certamente que, há mais de um século, quando Schiller punha estas nobres palavras na bôca de uma personagem do seu teatro, ele não previa que a sua patria se arvoraria em sistemática persiguidora da liberdade dos povos. O seu generoso espirito não sonhava que o senso moral dos seus compatriotas se perverteria a ponto de prégar a fôrça como única fonte do direito, a violência contra os fracos como um dever dos fortes, a espionagem como base de educação cívica, o saque e o extermínio como meios legítimos de grangear riqueza, a grilheta imposta aos homens para beneficio e debaixo do açoi-te dos super-homens, a vida humana como uma concessão benévola do Kaiser. A alma religiosa de Schiller não podia calcular que a velha divindade nórdica, Thor, o senhor da guerra, se encarnaria nesse arrogante potentado, proclamando aos quatro ventos a supremacia do terror e a inanidade de toda a moral cristã.

Mas hoje, como, réplica a essa execranda doutrina, é o aforismo humanitario do grande dramaturgo que pode inscrever-se na bandeira comum dos aliados: «Que nenhum pais seja livre extranho à liberdade de outro pais»

Portugal vai afirmar solenemente nos campos de batalha a sua adesão a êste preceito, saído

de uma bôca germânica. Em defesa dêle, os portuguezes combaterão ao lado dos inglezes, que combateram em Aljubarrota, ao lado dos francezes, que pelejaram em Montes Claros. Se fosse mister apelar para motivo menos dessinteresado do que o nobre ideal proclamado por Schiller, aí tínhamos êsse: o pagamento de uma divida antiga, a que a nossa honradez não se exime. Vamos defender territórios daqueles que já defenderam o nosso, vamos manter a independência de nações que contribuíram para que a nossa independência não sossobrasse.

Mas o objectivo é mais alto, repito. Bem se aclarou nos últimos meses, com a revolução da Rússia, com a participação dos Estados Unidos da América, com a solidariedade mais ou menos efectiva de todas as democracias. E' a luta pelo direito dos povos, pela liberdade, pela civilização, contra as fôrças obscuras do despotismo e da barbárie. Portugal atraçoaria a sua missão histórica se cruzasse os braços que descobriram mundos. Quando deu aos homens a Terra, não foi para a povoar de escravos. A esteira das naus portuguezas cinge o globo como um diadema de estrêlas, não o estraugula como um grilhão de trevas.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa,



